

A UNIVERSIDADE DOS AÇORES
E O SEU ENVOLVIMENTO
NA COMUNIDADE EDUCATIVA

IVO DE SOUSA NUNES

Introdução

Encontrava-me no Canadá, em 1977, quando me foi dirigido o convite para vir para os Açores trabalhar na formação de professores.

Nessa época, a formação de professores constituía um dos problemas mais inquietantes de qualquer sistema educativo. Fora essa mesma preocupação, por coincidência, que me levava a prosseguir os estudos no Instituto de Ciências da Educação da Universidade de Toronto que frequentava na altura em que recebi o referido convite.

A ideia de vir para os Açores trabalhar na formação de professores afigurava-se-me, portanto, aliciante, quer pela actualidade da problemática, quer por corresponder a interesses pessoais. Por isso aceitei integrar-me, desde a primeira hora, na pequena família do então Instituto Universitário dos Açores.

Volvidos cerca de nove anos, eis-me aqui a fazer um balanço do que foi o envolvimento da Universidade na comunidade educativa, entendendo com esta expressão as

peças da comunidade mais directamente responsáveis pela educação, com especial referência aos professores.

Esta breve comunicação tem em vista, descrever o que a Universidade dos Açores já fez, o que não fez mas deveria ter feito e o que deverá ainda fazer, no domínio do desenvolvimento educativo.

1. O que fez

Os motivos que levaram à criação do Centro Integrado de Formação de Professores, hoje Departamento de Ciências da Educação, atribuindo-lhe autonomia e identidade próprias, em relação aos outros Departamentos da Universidade, podem reunir-se no seguinte: favorecer a compreensão e a reflexão científicas, numa das áreas mais privilegiadas das Ciências Humanas — a Educação — e, a partir dessa base, formar os agentes de educação da Região.

Ao formular este objectivo geral, a Universidade demonstrava ter penetrado no verdadeiro sentido do desenvolvimento educativo numa Região o que, hoje, infelizmente, nem sempre acontece. Não falta, por exemplo, quem tente reduzi-lo à mudança das estruturas físicas, dos cursos, dos programas, esquecendo que, em educação, a simples mudança das coisas materiais, só por si, raramente resulta um verdadeiro desenvolvimento. É opinião generalizada entre os peritos em matéria de inovação que o desenvolvimento de qualquer sistema educativo deverá começar por aqueles que trabalham e vivem diariamente na escola, ou seja, pelos professores.

Por outro lado, o desenvolvimento educativo não pode ser visto apenas como um meio ou condição para um outro tipo de desenvolvimento, o económico. Quando tal acontece, promove-se a educação dos indivíduos para que estes possam contribuir mais eficazmente para o progresso da economia e para o aumento da produtividade e não porque se acredita no valor da educação em si. (É este, por exem-

plo, o conceito de desenvolvimento educativo, subjacente aos planos e à política do Banco Mundial).

Ora, o desenvolvimento educativo de que se fala aqui assenta em dois conceitos fundamentais: o de educação como libertação e realização das potencialidades dos indivíduos e o de actividade educativa como ajuda que lhes é prestada, no sentido da sua auto-realização. Através deste processo, cada um desenvolve e aumenta a própria capacidade de decisão e de autodeterminação.

Foi este tipo de actividade, precisamente, que a Universidade dos Açores realizou, ao longo destes anos, ao dedicar-se à formação dos membros da comunidade mais directamente envolvidos na educação.

Só a título de exemplo, e para dar uma ideia da extensão desta actividade, permito-me referir alguns números.

No que respeita ao ensino, até ao momento formaram-se 148 professores, dos quais 124 no ensino secundário e 24 no ensino preparatório, sem contar os 59 que se encontram actualmente em estágio. Isto significa que, durante um período de cinco anos, todos estes alunos foram convidados a reflectir cientificamente sobre os problemas de fundo da educação e sobre a sua futura actividade como educadores. Essa tarefa continua, neste momento, junto dos 606 alunos que frequentam os diversos cursos.

A actividade de ensino formal, há que acrescentar as acções de actualização e reciclagem levadas a efeito em quase todas as ilhas e destinadas não só aos professores mas também a outros profissionais, nomeadamente a agentes de saúde. De salientar ainda as conferências, colóquios e seminários dirigidos a pais e encarregados de educação, a orientação de cursos nas Escolas de Enfermagem e do Magistério Primário, não esquecendo os contactos individuais com professores, alunos e membros da comunidade em geral. Ao convidar e orientar um número tão significativo de pessoas a pensar e a reflectir com seriedade científica sobre a educação, a Universidade dos Açores deu

um válido contributo para o desenvolvimento educativo da Região, no sentido de que aumentou a capacidade de decisão dessas pessoas, em matéria de educação.

Mas, se o processo de desenvolvimento a que nos referimos tem início quando se pensa e reflecte sobre a educação, não queremos dar a impressão que tudo se reduz ao pensamento e à reflexão. Na realidade, só existe desenvolvimento, quando o pensamento se concretiza em novas práticas educativas.

Se quiséssemos sintetizar o percurso desse desenvolvimento (idêntico, aliás, ao do pensamento ...), poderíamos reduzi-lo às etapas seguintes:

— Primeiro, estabelecem-se relações entre as formas de educação sugeridas pela experiência e pela investigação, e as formas em vigor no sistema educativo;

— De seguida, procuram-se e criam-se formas mais adequadas às necessidades do momento;

— Finalmente, concretizam-se os resultados da procura, traduzindo as formas criadas em práticas inovadoras.

Entre a criação de novas formas de educação e a sua concretização medeia, portanto, um espaço de tempo mais ou menos longo. Existe uma espécie de período de gestação das novas práticas, o que faz com que os resultados do desenvolvimento educativo não sejam visíveis a curto prazo. Neste sentido, só o futuro dirá do valor do contributo da Universidade para o desenvolvimento educativo da Região, pois dificilmente conseguimos detectar as transformações operadas nas pessoas, através da sua actividade educativa.

2. O que poderia ter feito

O conceito de desenvolvimento educativo que se acaba de expor, constitui uma fonte de mérito para a Universidade dos Açores, mas dá origem também a certas críticas. Não queremos referir-nos a críticas que partem duma incorrecta concepção de desenvolvimento e, por isso mesmo,

não têm fundamento. Estão nesse caso, por exemplo, as que afirmam que nada se fez neste campo, como se a mudança em educação se verificasse no imediato. A verdadeira mudança é um processo lento que envolve a assimilação de novas maneiras de ser e de estar em educação, ou seja, um processo que passa pela transformação das pessoas. Sendo assim, só a longo prazo far-se-ão sentir os efeitos benéficos deste tipo de mudança sobre a totalidade do sistema.

Queremos, sim, referir-nos às críticas que têm a sua razão de ser, porque radicadas no conceito de verdadeiro desenvolvimento educativo. Vejamos algumas:

a) Em primeiro lugar, fala-se dum certo isolamento da Universidade em relação às escolas e à comunidade em geral. Em especial, muitos professores estão deveras desencantados com o pouco interesse dedicado pela Universidade aos seus problemas. Estes dois mundos, Escola e Universidade, parecem ter-se ignorado demasiado, quando, afinal, um não deveria viver sem o outro. A Universidade deveria ver na Escola um lugar privilegiado para a sua investigação e a Escola ver na Universidade um lugar privilegiado de reflexão e de enriquecimento da sua competência em matéria de educação.

A ausência dos professores nos debates relacionados com a sua formação, é um sintoma claro deste alheamento. A continuar assim, aumentar-se-á cada vez mais a dicotomia entre a forma como as necessidades da profissão docente são percebidas pela Universidade e a forma como são sentidas pelos professores na sala de aula.

b) Em segundo lugar, critica-se a Universidade por não ter adoptado a filosofia da educação permanente, como enquadramento teórico da formação de professores. Esta tem sido considerada, por muitos, como um processo que começa e termina com a presença do futuro docente na Universidade e não como um processo que envolve toda a sua vida. Daí que o ter preparado um número

considerável de novos professores seja interpretado por alguns como sinal de missão cumprida, quando esta foi apenas iniciada. Na verdade, ao dar a formação inicial aos professores, a Universidade não cumpriu toda a sua missão. Resta levar a efeito aspectos fundamentais dessa formação, pois o professor tem direito, não só à formação inicial, mas à formação contínua, formação essa que deverá acompanhar o exercício das suas funções, ao longo de toda a vida profissional.

c) Fala-se, finalmente, dum certo afastamento da Universidade dos objectivos originais, relativamente à educação. Embora, inicialmente, houvesse um certo acordo em dar prioridade à educação, a verdade é que não existia a mesma concordância, quanto à maneira de conseguir esse objectivo.

Como consequência desta falta de consenso, os Departamentos foram-se concentrando quase exclusivamente na própria área científica, esquecendo que a formação dos professores nascera como um projecto comum, para o bom êxito do qual era indispensável o contributo de todos e de cada um dos Departamentos.

Assim se explica a ausência de soluções para alguns problemas de fundo, relacionados com a formação de professores. Não se respondeu ainda, por exemplo, a questões deste tipo: Afinal, a que departamento compete a responsabilidade da formação do futuro docente na sua dimensão mais propriamente «profissional»? Que departamento se responsabiliza pela sua idoneidade e competência, como educador? A que departamento cabe a sua preparação, nas didáticas específicas?

Em síntese, podemos dizer que a Universidade dos Açores, ao longo destes anos, ao menos no que respeita ao assunto em estudo, preocupou-se demasiado em realizar os objectivos *internos*, ou seja, os objectivos de sobrevivência e de crescimento, em desvantagem da consecução

dos objectivos *externos*, ou seja, dos objectivos ditados pelas necessidades da comunidade e que foram, afinal, o principal motivo da sua criação.

3. O que deverá fazer

Com base nos reparos feitos, é possível traçar algumas linhas de orientação para um envolvimento mais eficiente da Universidade na comunidade educativa.

a) Em primeiro lugar, deverá ser dada igual importância à formação inicial e à formação contínua dos professores, o que significará não só um maior empenhamento da Universidade nesta segunda fase da formação, sector de há muito votado ao esquecimento, mas também uma redefinição do conceito de serviço, ou seja, o correcto posicionamento desta função, relativamente às outras duas funções tradicionais: o ensino e a investigação. É nossa convicção de que aqui reside uma das causas da pouca atenção dedicada à prestação de serviços à comunidade e até mesmo a má «fama» que adquiriu esta função. Não falta quem a considere pouco digna do professor universitário e até quem tenha em menos apreço aqueles que a ela se dedicam. Torna-se necessário, portanto, dignificar o «serviço» elevando-o, pelo menos, à categoria de ensino. De qualquer forma, estamos certos de que a imagem da Universidade dos Açores só terá a ganhar com a sua dedicação à comunidade educativa da Região. Talvez, assim, muitos cépticos se transformarão em seus defensores.

b) Deverá ser reconhecido aos profissionais de educação um papel mais activo na elaboração dos programas de formação (na própria e na dos candidatos a professores), tarefa essa importante demais para ser deixada exclusivamente à Universidade ou a outra instituição qualquer. A formação de professores deve tornar-se uma preocupação de todo o sistema educativo, para bem desse mesmo sistema.

c) Deverá procurar-se um maior equilíbrio entre as três dimensões da formação do professor: a científica, a psicopedagógica e a prática pedagógica. A ideia chave que deverá presidir a esta procura será a de formar especialistas em educação e não especialistas numa determinada disciplina. (Neste sentido, é interessante notar como a designação de professor tende hoje a desaparecer, para dar lugar à de educador).

d) A actividade da Universidade no domínio da formação de professores deverá alargar-se a outros níveis de ensino. Tal alargamento levará, necessariamente, à criação dum Centro Integrado de Formação de Professores, como aliás acontece nas Regiões em que existem universidades novas com responsabilidade pela formação de professores para o ensino secundário. Isto significa que a Universidade dos Açores está vocacionada para liderar o processo de formação de todos os educadores da Região, dando-lhe a unidade de que tanto carece.

e) Finalmente deverá ser incrementada a investigação em Ciências da Educação, a partir da realidade açoreana, o que implicará um maior apoio ao Centro de Estágios e ao Centro de Psicologia Aplicada do Departamento de Ciências da Educação, bem como às tarefas de investigação em geral.

Estas são apenas algumas das realizações a que deve proceder a Universidade dos Açores, realizações essas que se consideram indispensáveis para um serviço mais amplo e mais adequado à formação de professores, não excluindo, evidentemente, outras possíveis realizações aqui não mencionadas.

Conclusão

A laia de conclusão, podemos dizer que a Universidade dos Açores, neste curto espaço da sua existência, contribuiu grandemente para o autêntico desenvolvimento

educativo da Região, ao ter desenvolvido a competência dos principais responsáveis pelo seu sistema educativo, os professores. Todavia, muito resta ainda por fazer, em especial no campo da formação contínua dos mesmos e na formação da comunidade em geral.

Para poder ser fiel a si mesma e aos objectivos traçados, a Universidade terá de proceder a algumas transformações. Numa época que se caracteriza pela mudança acelerada, a transformação constitui um imperativo e um desafio. Espera-se, pois, da Universidade uma resposta clara a este imperativo e uma aceitação incondicional deste desafio.

Para que tal mudança seja significativa não poderá ser apenas *reactiva*, ou seja, uma resposta quase compulsiva às pressões do ambiente, que se traduz em ajustamentos superficiais. Tem de ser mudança *proactiva*, ou seja, uma mudança baseada numa antecipação do futuro, que se traduza numa adaptação dinâmica às previstas exigências desse futuro. Só assim a Universidade será capaz de controlar o progresso e não se deixar controlar por ele. Aliás, é o que outros sectores da sociedade estão a procurar fazer, pois o progresso, embora continue a ser um pólo de atracção, está a decorrer num ritmo diferente do passado, tendo-se mesmo a impressão de que o homem já não se sente muito seguro acerca do que poderá acontecer-lhe, pelo que tenta dominar uma realidade, cujo controlo de há muito perdeu.

Em qualquer dos casos, prevê-se que a mudança seja penosa e difícil, especialmente tratando-se duma instituição, como a Universidade que, por natureza, é pouco permeável à mudança, talvez por ser um meio impregnado de ideologias, ou melhor, um meio em que o discurso ideológico tende a assumir, com frequência, aspectos de objectividade científica. No entanto, é preciso que nos convençamos de que, num mundo finito como este em que vivemos, as coisas não podem continuar para sempre. Algo tem de morrer

para que algo de novo possa nascer. As instituições, como a própria humanidade, para poderem continuar a sua missão de serviço à sociedade, têm de passar por ciclos de morte e de renascimento.

No momento em que celebra o seu décimo aniversário, tudo leva a crer que a Universidade dos Açores está a entrar num ciclo de renascimento. Que ela não perca esta oportunidade para renascer, desprendendo-se corajosamente do passado e reconstruindo-se criativamente, num espírito de fidelidade à sua missão de apoio e promoção do desenvolvimento educativo da Região.

São estes os votos de quem pretende continuar a servi-la no futuro, como até agora o fez.